



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de investigación

2024

Allan Ratts de Sousa, Leonardo Danziato & Karla Patricia Holanda Martins
A homossexualidade na teoria e na história de institucionalização da psicanálise
Revista Affectio Societatis, Vol. 21, N.º 41, julio-diciembre de 2024
Art. # 09 (pp. 1-23)
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE INVESTIGACIÓN



A HOMOSSEXUALIDADE NA TEORIA E NA HISTÓRIA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICANÁLISE

Allan Ratts de Sousa¹

Centro Universitário Maurício de Nassau – Uninassau Parangaba
allanratts@gmail.com

Leonardo Danziato²

Universidade de Fortaleza
leonardodanziato@unifor.br

Karla Patricia Holanda Martins³

Universidade Federal do Ceará
kphm@uol.com.br

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v21n41a09>

-
- 1 Formado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, na linha de Teorias e práticas da Psicanálise, com pesquisa voltada para o estudo da homossexualidade na Psicanálise. Analista Membro da Litoral - Escola de Psicanálise.
 - 2 Professor Pesquisador Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Membro do Grupo de Trabalho “Psicanálise, Cultura e Política” da ANPPEP. Analista Membro da Litoral - Escola de Psicanálise.
 - 3 Possui graduação em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula (1989). Mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1995). Doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e pós-doutorado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2017). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Ceará. Participa do Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação (ANPEPP) “Psicanálise e Clínica Ampliada”, desde 2009, atuando como vice-coordenadora a partir de 2020. Foi coordenadora de Seção de Psicanálise da *Revista de Psicologia Clínica* da PUC-RJ (2019-2020) e atua como parecerista *ad hoc* de vários periódicos nas áreas de psicologia e psicanálise. Faz parte do conselho editorial da *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar* (2019-) e dos *Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro* (2012-). Coordena o Programa de Extensão “Clínica, Estética e política do Cuidado” do Departamento

Resumo

Freud compreendia a sexualidade humana como sendo do campo do pulsional e não do instintual, questionando a obrigatoriedade da satisfação da pulsão por um objeto necessariamente do sexo oposto. Já outros psicanalistas, a exemplo de Anna Freud, veem a homossexualidade como uma patologia passível de cura, o que encontra eco em psicanalistas contemporâneos que se posicionam de forma contrária ao casamento civil igualitário entre pessoas do mesmo sexo e à adoção de crianças por casais homoafetivos. Tal discussão levou alguns psicanalistas, à época de Freud, a buscarem formas de legitimar um posicionamento universal de boicote à formação analítica de homossexuais declarados

dentro dos bancos de formação da IPA (International Psychoanalytical Association), seu principal órgão regulador até então. Diante disso, este trabalho se propõe a investigar as circunstâncias nas quais tais elementos surgiram no seio do movimento psicanalítico e de que modo ainda se presentificam hoje. Para tanto, empreendemos uma revisão bibliográfica do material publicado acerca desses debates, contribuindo para que esse tema continue circulando e a psicanálise possa atualizar uma autocrítica constante acerca de seus processos de formação.

Palavras-chave: psicanálise; homossexualidade; ética psicanalítica; formação analítica; homofobia.

LA HOMOSEXUALIDAD EN LA TEORÍA Y LA HISTORIA DE LA INSTITUCIONALIZACIÓN DEL PSICOANÁLISIS

Resumen

Freud entendía la sexualidad humana en el campo de lo pulsional y no de lo instintivo, y cuestionaba la realización obligatoria de la pulsión por un objeto necesariamente del sexo

opuesto. Otros psicoanalistas, como Anna Freud, veían la homosexualidad como una patología que podía ser curada, de lo que hacen eco los psicoanalistas contemporáneos que

de Psicología da UFC (2017-). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: efeitos subjetivos da experiência da fome, relação mãe-bebê, melancolia, psicopatologia infanto-juvenil, saúde mental, cuidados clínicos em saúde e psicanálise e cultura.

se oponen al matrimonio civil igualitario entre personas del mismo sexo y a la adopción de niños por parejas homoafectivas. Esta discusión llevó a algunos psicoanalistas, en la época de Freud, a buscar formas de legitimar una posición universal de boicot a la formación analítica de homosexuales declarados dentro de los bancos de formación de la IPA (International Psychoanalytical Association), su principal órgano regulador hasta entonces. Por tanto, este trabajo se propone investigar las circunstancias en

las que surgieron dichos elementos en el seno del movimiento psicoanalítico y cómo siguen presentes en la actualidad. Para ello, realizamos una revisión bibliográfica del material publicado sobre estos debates, lo que contribuye a que este tema siga circulando y a que el psicoanálisis pueda actualizar una autocrítica constante sobre sus procesos de formación.

Palabras clave: psicoanálisis; homosexualidad; ética psicoanalítica; formación analítica; homofobia.

HOMOSEXUALITY IN THE THEORY AND HISTORY OF THE INSTITUTIONALIZATION OF PSYCHOANALYSIS

Abstract

Freud considered human sexuality as part of the field of the drive and not of the instinct and questioned the obligatory fulfillment of the drive through an object necessarily of the opposite sex. Other psychoanalysts, such as Anna Freud, saw homosexuality as a pathology that could be cured, echoed by contemporary psychoanalysts who oppose same-sex civil marriage and the adoption of children by same-sex couples. This discussion led some psychoanalysts in Freud's time to seek ways to legitimize a universal position of boycotting the analytic training of avowed homosexuals within the training banks of the International

Psychoanalytical Association (IPA), their main regulatory body at that time. Therefore, this paper aims to explore the circumstances in which such elements emerged within the psychoanalytic movement and how they are still present today. To that end, we carried out a bibliographic review of the published material on these debates, which contributes to keeping this topic circulating and allowing psychoanalysis to update the constant self-criticism of its training processes.

Keywords: psychoanalysis; homosexuality; psychoanalytic ethics; analytic training; homophobia.

L'HOMOSEXUALITÉ DANS LA THÉORIE ET L'HISTOIRE DE L'INSTITUTIONNALISATION DE LA PSYCHANALYSE

Résumé

Freud concevait la sexualité humaine dans le domaine pulsionnel et non instinctuel, et remettait en cause la réalisation obligatoire de la pulsion par un objet nécessairement de sexe opposé. D'autres psychanalystes, comme Anna Freud, voyaient dans l'homosexualité une pathologie guérissable, ce à quoi font écho les psychanalystes contemporains qui s'opposent au mariage civil homosexuel et à l'adoption d'enfants par des couples de même sexe. Cette discussion a conduit certains psychanalystes, à l'époque de Freud, à chercher les moyens de légitimer une position universelle de boycott de la formation analytique des homosexuels déclarés au sein des banques de formation de

l'IPA (International Psychoanalytical Association), son principal organe de régulation jusqu'alors. Cet article se propose donc d'étudier les circonstances dans lesquelles de tels éléments sont apparus au sein du mouvement psychanalytique et comment ils sont encore présents aujourd'hui. Pour ce faire, nous passons en revue le matériel publié sur ces débats, ce qui contribue à maintenir ce sujet en circulation et à permettre à la psychanalyse de mettre à jour une autocritique constante de ses processus de formation.

Mots-clés : psychanalyse ; homosexualité ; éthique psychanalytique ; formation analytique ; homophobie.

Recibido: 12/06/2023 • Aprobado: 09/11/2024

Introdução

Pesquisas importantes no campo psicanalítico apontam elementos de estigmatização e violência à homossexualidade na história teórico e institucional da psicanálise. Algumas dessas pesquisas serão retomadas ao longo deste artigo cujo objetivo é o de investigar as circunstâncias nas quais tais elementos surgiram no seio do movimento psicanalítico e de que modo ainda se presentificam hoje.

Com este fim, faremos um retorno ao início do processo de institucionalização da psicanálise por Freud e seus contemporâneos, buscando entender de que forma se constituiu o entendimento acerca da homossexualidade nesse momento e suas implicações para o futuro do movimento.

Desde o início de sua empreitada teórica na psicanálise, Freud se manifesta de forma a ver a homossexualidade como um destino pulsional tão legítimo quanto a heterossexualidade (Freud, 2017/1905), não fazendo uma discriminação na forma de ver essas pessoas a partir de sua escolha de objeto sexual. Assim como não via razões para essas pessoas serem discriminadas socialmente, a ponto de sofrerem sanções legais por suas práticas sexuais (Freud, 1903, citado por Ceccarelli, 2013). Ainda assim, dentro do movimento psicanalítico, a homossexualidade persistiu como um motivo para impedir o acesso dessas pessoas à formação oficial oferecida pela IPA (International Psychoanalytical Association) e seus associados (Bulamah, 2016).

Bulamah (2016) apresenta a questão da regra não escrita que passou a vigorar a partir de 1921, no âmbito das instituições vinculadas à IPA, que desaconselhava o ingresso de candidatos que se autodeclaravam homossexuais. Tal decisão vem como resultado de discussões internas entre os psicanalistas e Freud, numa tentativa de validar um critério universal no que se refere ao desejo de pessoas homossexuais poderem se declarar oficialmente como psicanalistas, sendo respaldadas pela legitimação da IPA. Tal discussão denuncia o percurso empreendido pelo entendimento moral da homossexualidade como algo a ser expurgado dos bancos de formação da IPA, a ponto de ser necessário se pensar uma institucionalização de sua negação.

Em seguida, refletiremos sobre o posicionamento de alguns psicanalistas contemporâneos, que dizem se valer da teoria psicanalítica para justificar seus posicionamentos acerca de questões relacionadas à homossexualidade em suas relações com a formação analítica. Essa teoria ainda é apropriada por eles para se posicionarem também acerca da legitimidade da união de pessoas do mesmo sexo e mesmo da adoção de crianças por pares homoafetivos.

Ao valer-se da teoria psicanalítica, esses profissionais acabam por associá-la a entendimentos que, numa investigação mais aprofundada, revelam não corresponder aos posicionamentos teóricos, clínicos e éticos defendidos por Freud e por Lacan sobre a questão, ferindo, assim, a ética psicanalítica. É um pensamento que revela um comprometimento ideológico e uma posição homofóbica de alguns profissionais em seus discursos, e não uma demonstração de uma posição estabelecida na teoria psicanalítica que, em suas bases, se revelaria contrária à homossexualidade.

Sabemos que há uma rejeição pública e notória da homossexualidade em nossa cultura, fundada no que Butler (2020) denomina de um “foraclusão” da homossexualidade e sua conseqüente melancolização de gênero. Trata-se de uma condição histórica e discursiva muito própria da tradição cristã e patriarcal, cujos efeitos, como se sabe, são nefastos, não só para os homossexuais, mas também para todas as diversidades de gênero que não estejam sujeitadas a essa lógica heteronormativa.

A violência e a homofobia podem ser definidas como uma

(...) hostilidade geral, psicológica e social contra aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. (Borillo, 2016, p. 34).

Casos de homofobia relatados em agressões físicas parecem-nos bastante evidentes, como em episódios em que jovens saindo de uma boate levam uma lâmpada fluorescente “na cara”. Mas nem sempre a homofobia se expressa de forma tão evidente, podendo se manifestar

ainda no boicote aos direitos dessas pessoas fazerem o que desejam tendo como critério limitante sua “opção sexual”.

Para Freud (2004/1915), o ódio se estabelece a partir de uma rejeição do desprazer, projetando-o para fora, de forma a manter intacto um precoce e narcísico “Eu-puro-prazer”. A partir daí se produz uma certa ambivalência na relação do indivíduo com o objeto, que se traduz numa mescla de amor e ódio dirigidos a ele. O autor explica que, nos casos em que há desprazer nessa relação,

(...) haverá uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o Eu e por repetir, em relação ao objeto, a tentativa original de fuga do mundo externo e de seu afluxo de estímulos. Nesse caso, sentimos “repulsa” pelo objeto e o odiamos; esse ódio pode então intensificar-se a ponto de se tornar uma inclinação para a agressão contra o objeto, com a intenção de destruí-lo. (p. 159).

Pensando o homossexual como o diferente, como o estrangeiro, a alteridade, podemos empreender a leitura em Freud (2011/1921) de que a aversão a ele, manifestada através da homofobia, pode ser tomada como a expressão de uma repulsa semelhante, como “(...) um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretasse uma crítica deles e uma exortação a modificá-los”. (p. 57).

É sabido, contudo, que nem sempre essa tendência à agressividade se efetiva em sua realização prática, mas que ela pode se desdobrar em elaborados mecanismos que visam à exclusão da alteridade sem que isso implique propriamente uma violência física. É para essas manifestações de uma violência, mesmo que implícita e silenciosa, e a surpreendente implicação de psicanalistas e suas instituições de formação nelas que nosso interesse se volta. Retomemos alguns episódios que são bastante emblemáticos dessas situações.

A patologização da homossexualidade

Em 2018, no Brasil, tivemos uma polêmica em torno do que ficou conhecida como “Cura gay” (Trevisan, 2018): tratava-se da autorização

de prestação de serviço de “(re)orientação sexual” (Sessão Judiciária do Distrito Federal, 2017, setembro 15, p. 4) por psicólogos para pessoas que quisessem se “curar” da homossexualidade e que conseguiu liminar favorável pela Justiça Federal, até sua cassação em abril de 2019. Tal questão foi bastante controversa e nos confrontou com a possibilidade de a homossexualidade voltar a ser tratada como uma patologia, o que a Associação Americana de Psiquiatria, a APA, já deixara de fazer em 1973, quando resolveu tirá-la de seu catálogo de transtornos mentais, o DSM (Marques, 2010, dezembro; Drescher, 2013). Embora com um considerável atraso, a Organização Mundial de Saúde, a OMS, também o fez em 1992, retirando-a da Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID 10) (Drescher, 2013; Paolillo, 2013), sendo seguida, no Brasil, pelo Conselho Federal de Psicologia, em 1999, que criou a Resolução 01/1999 (Conselho Federal de Psicologia, 1999, março 22), que passou a nortear o tratamento dos psicólogos em relação à orientação sexual no país, que proibia esse tipo de prática pela categoria.

Tal discussão revive nas redes sociais palavras de Freud escritas em 1935 em resposta à carta de uma mãe americana, que lhe interrogava angustiada a respeito da sexualidade do filho. Freud responde o seguinte:

A homossexualidade, certamente, não é uma vantagem; mas não é nada do que se envergonhar, não é vício, não é degradação; não pode ser classificada como uma doença. Consideramos que seja uma variação da função sexual, produzida por uma certa interrupção no desenvolvimento sexual (...) Ao perguntar-me se posso ajudar, você quer dizer, eu suponho, se eu posso abolir a homossexualidade e fazer com que a heterossexualidade normal ocupe o seu lugar. A resposta é, de modo geral, que não podemos prometer alcançar este resultado. Em certo número de casos, tivemos sucesso em desenvolver os germes malogrados das tendências heterossexuais que estão presentes em todos os homossexuais; mas na maioria dos casos isso não é mais possível. (citado por Drescher, 2013, p. 50).

Freud buscou, no início do século XX, desmistificar a ideia de que a homossexualidade seria uma doença, posição que não foi unânime

nem entre seus companheiros de trabalho. No século XXI, no Brasil, claramente suas crenças estão sendo questionadas, no sentido de uma patologização da homossexualidade, o que acontece inclusive por psicanalistas.

Diante disso, confrontamo-nos com o imperativo de investigar mais a fundo, na obra de Freud, suas teorizações acerca do fenômeno, para tentar entender qual de fato era seu posicionamento acerca da acirrada questão da formação analítica dos homossexuais que resultou na criação dessa regra que vetava sua formação analítica. Isso porque soava como contraditório que o próprio pai da psicanálise se mostrasse favorável à homossexualidade, mas a principal instituição que representava sua teoria agisse de modo contrário ao entendimento de seu principal criador, elaborando uma regra que, por si só, ia de encontro aos princípios éticos psicanalíticos.

Em 1921, Ernest Jones, então presidente da IPA, lança um questionamento acerca da legitimidade de homossexuais nas escolas de formação psicanalítica. Na ocasião, ele consulta, através de carta, Freud e Otto Rank sobre a candidatura de um médico homossexual assumido:

Os holandeses perguntaram-me algum tempo atrás sobre o quão apropriado seria aceitar como membro um médico que se sabia manifestamente homossexual. Aconselhei contra, e agora ouço (...) que o homem foi enquadrado e levado à prisão. Vocês acham que esse seria um parâmetro geral e seguro para agirmos? (Jones, 1921, citado por Bulamah, 2016, p. 14).

Ao que Freud e Rank respondem, também por carta:

Sua indagação, caro Ernest, a respeito da prospectiva qualidade de homossexuais como membros foi por nós considerada e discordamos de você. Com efeito, não podemos excluir tais pessoas sem outras razões suficientes, assim como não podemos concordar com suas perseguições legais. Sentimos que uma decisão em tais casos deve depender de um cuidadoso exame de outras qualidades do candidato. (Rank & Freud, 1921, citado por Bulamah, 2016, p. 14).

Freud não via razões para a homossexualidade ser um critério de exclusão das cadeiras de formação analítica da IPA, nem mesmo para a perseguição social sofrida pelos homossexuais. Diante dessa polêmica, Freud alerta para o engessamento de um olhar universal sobre a homossexualidade, quando adverte, em última carta circular com referência a essa querela: “Reconhecemos, nos argumentos contra a participação analítica de homossexuais, algo como uma diretriz. Mas temos que alertá-los quanto à transformação disso em uma lei, considerando os vários tipos de homossexualidade e os diferentes mecanismos que as causam” (Rank & Freud, 1922, citado por Bulamah, 2016, p. 85).

Ele reconhece a variedade de mecanismos e de homossexualidades existentes e se posiciona politicamente de forma contrária ao uso da homossexualidade como critério de admissão. Freud não tratava a homossexualidade como uma entidade única e universal, nem com somente uma origem, mas como plural, com diferentes etiologias e manifestações. Esse entendimento fica claro, por exemplo, na análise da homossexualidade de Leonardo da Vinci, quando afirma: “O que por motivos práticos é denominado ‘homossexualidade’ pode se originar de uma variedade de processos psicossociais de inibição, e aquele que distinguimos talvez seja um entre muitos, dizendo respeito a um só tipo de homossexualidade” (2013/1910, p. 168, grifo do autor).

Em nossa leitura, as diferentes explicações para as origens da homossexualidade revelam que se construiu uma ideia de pluralidade de um fenômeno que geralmente era lido como singular. O conceito de pulsão cunhado por Freud no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, em 1905, permite que ampliemos o entendimento sobre a sexualidade humana, evidenciando sua complexidade, no que nisso expõe também a insuficiência de se pensar a homossexualidade como um fenômeno que possa ser enquadrado em um só tipo de manifestação, ou tenha uma origem única.

Valemo-nos do argumento de Quinet (2013), que diz: “Qualquer teoria que generalize a homossexualidade é falsa, qualquer etiologia única que diga ‘como se faz um homossexual’ é preconceituosa e toda patologização da homossexualidade é racista. (...) ‘O homossexual’ não existe, existem homossexuais: patentes, latentes ou sublimados”

(p. 90, grifos do autor). Defende ainda: “Podemos concluir que cada caso de homossexualidade masculina terá sua teoria própria a ser construída a partir de sua análise, pois qualquer universalização do desejo é impossível” (p. 103).

Ao percorrer a obra de Freud, constatamos que não houve de sua parte uma preocupação em sistematizar estudos sobre a homossexualidade de forma a tomá-la como um conceito próprio da psicanálise. Essa sistematização só se presentifica em textos muito pontuais, como em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci”, de 1910, e “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, de 1920. Geralmente, a homossexualidade costuma comparecer em sua obra associada às questões relativas à sexualidade humana de forma mais abrangente.

Em linhas gerais, pudemos observar que suas propostas sobre as origens das homossexualidades podem ser estabelecidas em torno de três principais teorias: a disposição bissexual constitutiva de todo ser humano, o distúrbio no desenvolvimento libidinal e a fixação na mãe (ou pessoa que garante os primeiros cuidados do bebê) (Sousa, 2020). Tais teorias se desenvolveram em diferentes explicações, como, por exemplo: forte apego ao pênis, horror à genitália feminina, medo da castração, alta consideração pelo pai, identificação com a mãe etc. Inúmeros são os textos em que de alguma forma Freud elabora acerca da sexualidade humana que de certo modo põe luz sobre a homossexualidade, assim como inúmeras seriam suas manifestações, cada caso sendo bastante particular.

E não bastassem suas teorizações, que são por si só bastante explícitas quanto a seu posicionamento, exemplificamos ainda o posicionamento de Freud, em 1903, com uma entrevista a um jornal vienezense, o *Die Zeit*, onde declarou que:

a homossexualidade não é algo a ser tratado nos tribunais. (...) Eu tenho a firme convicção de que os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois uma tal orientação não é uma doença. Isso nos obrigaria a qualificar como doentes um grande número de pensadores que admiramos justamente em razão de sua saúde

mental (...) Os homossexuais não são pessoas doentes. (Freud, 1903, citado por Ceccarelli, 2013, p. 156).

E em 1930, em pública manifestação de apoio aos direitos dos homossexuais, Freud assina uma petição contrária à punição deles que se baseava no código germânico (Bulamah, 2016). A entrevista foi dada em 1903 e a petição assinada em 1930, o que nos autoriza a dizer que Freud se manteve ao longo dos anos fiel à ideia de que a “demonização” da homossexualidade era injustificada. Por isso, é bastante sintomática a oposição que encontramos de alguns psicanalistas quanto a essa visão positiva de Freud, que se manifestou na discordância quanto ao critério de admissão de formação nas escolas da IPA.

A aproximação maior com a prática clínica propiciou que os psicanalistas indagassem as proposições freudianas, promovendo debates entre eles, que buscavam um maior esclarecimento sobre alguns fenômenos, especialmente quanto à sexualidade humana, o que incluía, portanto, a homossexualidade. Constatamos que esses autores não estavam preocupados simplesmente em validar as teorias propostas por Freud, mas, por vezes, eles mesmos propunham contribuições que incitavam o próprio Freud a revisar suas próprias teorias, levando-o a, algumas vezes, responder a essas proposições, favorecendo a manutenção de um debate, favorecendo o avanço do pensamento psicanalítico.

Então, aprofundamos um pouco a pesquisa em relação a quatro nomes bastante caros a Freud: Ernest Jones (1879-1958), Karl Abraham (1877-1925), Otto Rank (1884-1939) e Sándor Ferenczi (1873-1933), tanto por suas declarações explícitas quanto por sua importância na história do movimento psicanalítico. Resumamos suas teorias.

As contribuições de Ernest Jones (1906/1927) dizem respeito especialmente à homossexualidade feminina, atribuída à fixação na mãe, seguida de fixação no pai, identificação (incorporação) com o pai e na diferenciação da homossexualidade feminina em dois tipos de pessoas: as que abrem mão da libido-objeto (pai), mantêm interesse no homem, mas querem ser aceitas como um deles, e as que abrem

mão da libido-sujeito (sexo), tendo pouco ou nenhum interesse por homens, direcionando a libido para outras mulheres.

Karl Abraham (2003/1908; 1970/1924; 1970/1916) centra suas explicações no retorno a um estágio anterior da libido ou em uma parada no estágio narcísico, na introjeção do pai do sexo oposto e na bissexualidade. Já as contribuições de Otto Rank (2016/1911) dizem respeito principalmente ao narcisismo, à bissexualidade e à fixação na mãe.

Sándor Ferenczi (1992/1909; 1992/1911a; 2002/1911b; 2002/1911c), talvez aquele que mais contribuições trouxe a esses debates, embasa suas argumentações se centrando na fixação na mãe, na relação da homossexualidade com a paranoia, na parada do desenvolvimento no estágio narcísico, na bissexualidade (que ele trata por ambissexualidade/anfierotismo), na atitude de pôr-se de lado em benefício do pai, deixando para ele todas as opções do sexo oposto, no medo da mulher e na divisão da homossexualidade, tratada por ele por homoerotismo (sugerindo que esse termo expressa a qualidade psíquica da pulsão, em detrimento de homossexualidade, que denota seu caráter sexual), em homoerotismo de sujeito/passivo e de objeto/ativo. Um parêntese para dizer que essa última teoria fez com que Freud inserisse uma nota em 1910 aos “Três ensaios”, concordando com a abordagem do homoerotismo em Ferenczi.

Os achados teórico-clínicos desses psicanalistas mostram que foi o diálogo entre eles que favoreceu a construção de um saber psicanalítico sobre a homossexualidade, referindo constantemente os achados teórico-clínicos uns dos outros, destacando os de Freud, que também não deixava de referenciar esses autores em suas produções teóricas, como foi o caso com Ferenczi, como acabamos de citar. Sugerimos, então, que esse processo pode ser pensado como relativamente horizontal, uma vez que mesmo Freud não se furtava a repensar suas próprias proposições a partir do contato com as contribuições desses outros psicanalistas. Contudo, é preciso que não percamos de vista que essa dita horizontalidade deve ser tomada de forma crítica, uma vez que entendemos que Freud, enquanto fundador da psicanálise, era ouvido por seus pares de forma diferente, pois ocupava o lugar do

“primeiro autor” na discursividade da psicanálise (Foucault, 1992). Sua palavra certamente tinha um peso maior que as dos demais e, por isso, entendemos que essa horizontalidade é relativa.

Podemos afirmar que os demais autores e suas respectivas ideias, em sua grande parte, convergem em direção ao pensamento freudiano em relação às explicações dadas para as origens da homossexualidade, ou das homossexualidades no plural. Entendemos que elas se relacionam às três explicações maiores de Freud que relembramos aqui: a disposição bissexual constitutiva de todo ser humano, o distúrbio no desenvolvimento libidinal e a fixação na mãe. O que fazia, então, com que teorias tão semelhantes originassem divergências de opiniões tão marcantes, que colocavam de um lado Freud e Rank, que não viam na homossexualidade um critério de exclusão, e de outro Jones e Abraham como defensores de que esse era um critério válido?

O que podemos concluir disso tudo é que as divergências entre os psicanalistas diziam respeito muito mais a um plano político e discursivo, aos encaminhamentos dados a essas teorias, que eram passíveis de serem utilizadas com propósitos de manutenção da ordem social vigente, pautada na moralidade da época, ou com o propósito de subvertê-la, favorecendo assim um olhar positivo sobre a homossexualidade.

Lembramos que uma instituição de psicanálise busca, entre outros objetivos, estabelecer um controle e uma qualificação da formação em psicanálise, muito embora saibamos que esse controle sempre fracassa. Entretanto, essa posição de controle coloca a instituição, inevitavelmente, num lugar de autoridade e de autorização, dirigida pelo discurso do mestre (Lacan, 1992/1969-1970). Toda a discussão aberta por Lacan sobre a institucionalização da psicanálise diz respeito a esse “im-passe”, a esse paradoxo da autorização, já que “o analista se autoriza de si mesmo”, mas “isso não impede que a escola garanta que um analista depende de sua formação” (Lacan, 2003, p. 248). A instituição, portanto, como entidade reguladora e paradoxal, tem seus limites. Ela deve dirigir a formação, mas não dirigir os analistas.

É importante ainda que se registre que mesmo Freud se manifestando tão explicitamente, prevaleceu o entendimento dos que se colocaram de forma contrária à formação analítica dos homossexuais. Talvez isso seja resultado do distanciamento de Freud da liderança direta da IPA. Com receio de uma possível associação que poderiam fazer entre a psicanálise e uma ciência judia, sendo ele mesmo judeu, optou por colocar na presidência da IPA, quando de sua fundação, um não judeu, Jung, numa tentativa de angariar adeptos ao movimento de fora do “gueto vienense” (Roudinesco, 2016), que ele sempre viu, senão como um inimigo da psicanálise, ao menos como um grande foco de resistência. Dessa forma, sempre deu relativa autonomia à IPA para gerir seu próprio funcionamento, a ponto de, no fim das contas, sua opinião não ser suficiente para respaldar uma decisão final favorável aos homossexuais, como era de seu desejo, mas permitir que em seu seio a IPA criasse uma regra que vetava a formação analítica de pessoas declaradamente homossexuais.

Por conta desse episódio, alguns autores defendem que, até pelos menos o final da década de 90, existiriam restrições à formação dos homossexuais, seja de forma explícita, como argumentam Roudinesco e Plon (1998), que em seu dicionário afirmam que essa regra nunca foi abolida na IPA, seja como entende Quinet (Jorge & Quinet, 2013), que alega que esse boicote ainda se dá através de diversos procedimentos que vão da coação à indiferença dentro de algumas instituições psicanalíticas.

Tais discussões mostram que a questão da formação analítica se apresenta como um elemento de preocupação dos psicanalistas. Levando isso em consideração, lemos seus autores com a ideia de que não é somente de teoria que se trata, mas de suas reverberações ético-político-sociais, o que, na prática, implica o alcance da psicanálise na sociedade.

Diante disso, podemos avaliar criticamente a relevância de espaços alternativos para se pensar a psicanálise, como a universidade, que, com o tempo, mostrou-se um lugar de circulação do saber psicanalítico, num contraponto ao tipo de institucionalização proposta por instituições psicanalíticas como a IPA. Todavia, precisamos refletir que, como sugeri

a pesquisa realizada por Martins *et al.* (2018), o campo psicanalítico necessita de signos plurais, do contrário, signos passam a funcionar como cristais de uma verdade que se propõe universal e asséptica.

Alertamos que não estamos afirmando que a formação analítica pode ser feita na universidade, dispensando a oferecida em instituições psicanalíticas. O que propomos é que se pensem os estudos empreendidos na universidade como parte da constituição de um lugar de formação, como mais um espaço para se refletir acerca das questões referentes aos campos teórico e clínico da psicanálise, sob o olhar científico e crítico do modelo acadêmico.

Coutinho Jorge (2011, p. 120) reforça a vantagem de tal aproximação ao afirmar: “A psicanálise ganha com isso, ela ganha ao ter seu saber interrogado. Lacan postulou que a psicanálise é a manutenção viva da questão: ‘O que é a psicanálise?’”. Entendemos que tal pergunta deve sempre nortear a investigação acerca de qualquer tema sob o viés psicanalítico, pois é a partir de tal interrogação que um saber pode ser construído.

Contudo, temos que problematizar também as consequências negativas, mas inevitáveis, do estreitamento de laços entre a psicanálise e a sociedade de forma geral, ilustrada aqui com a universidade, mas não se limitando a ela. O que se observa é uma apropriação ideológica da psicanálise pela sociedade, com risco de ser utilizada por ela também com fins de justificar práticas homofóbicas, que se distanciam substancialmente da ética da psicanálise freudiana, dando um substrato “científico” — aqui bem entre aspas — a ideias que assim velam seu moralismo fundante. Isso acontece porque, tendo sido assimilada pela cultura, a psicanálise passa a representar um discurso científico, dando legitimidade a alguns posicionamentos. Como sugere Bulamah (2016, p. 12):

O prestígio do qual gozava a psicanálise em boa parte do Ocidente no século passado fazia com que as opiniões arvoradas por seus representantes tivessem a força da ciência na estruturação do nosso imaginário; e muitos veículos tradicionais dos parâmetros morais da sociedade recorriam, inclusive, a termos e conceitos psicanalíticos quando se pronunciavam sobre a homossexualidade.

Freud defendia a associação da psicanálise com a ciência, ao pensar a primeira como um ramo da psicologia, uma “psicologia da profundidade” ou “psicologia do inconsciente” (Freud, 2011/1933, p. 322). Para Freud, a psicanálise não se prestava a uma visão de mundo própria, enquanto “(...) uma construção intelectual que, a partir de uma hipótese geral, soluciona de forma unitária todos os problemas de nossa existência, na qual, portanto, nenhuma questão fica aberta, e tudo que nos concerne tem seu lugar definido” (p. 322). Dessa forma, a psicanálise aceita tomar de empréstimo sua visão de mundo da ciência, no que pensa a construção do conhecimento de mundo através da elaboração intelectual sustentada na pesquisa.

Alguns outros episódios da história do movimento psicanalítico podem ainda ser problematizados, uma vez que ganharam repercussões sociais que extrapolaram os limites de uma discussão interna, como a oposição de psicanalistas contra a despatologização da homossexualidade da lista de doenças mentais dos manuais diagnósticos da APA (Marques, 2010; Drescher, 2013), mostrando sua colaboração para a perpetuação, ou ao menos para a manutenção de uma mentalidade patologizante da homossexualidade.

Outro exemplo é o posicionamento de alguns psicanalistas desfavoráveis à adoção de crianças por pares homoafetivos e ao reconhecimento do Pacto Civil de Solidariedade, o PACS, na França, aprovado em 1999, para regulamentar a união de pessoas do mesmo sexo (Borillo, 2016; Maya, 2008, 2013). Personalidades reconhecidas internacionalmente no campo da psicanálise, inclusive no Brasil, como Jacques-Alain Miller, ao defenderem a oposição ao PACS, argumentaram supostamente baseados na teoria psicanalítica ou em sua experiência analítica. O psicanalista francês defende:

A clínica tem alguma coisa a dizer a favor ou contra o reconhecimento jurídico ou social do concubinato homossexual? A meu ver, existe, nos homossexuais, laços afetivos de longa duração que justificam perfeitamente, segundo modalidades a estudar, seu reconhecimento jurídico, se os sujeitos almejam. *Saber se isso deve se chamar casamento é uma outra questão. Esses laços não são do mesmo modelo que os laços afetivos heterossexuais. (...) Eu não estou qualificado para*

inventar um nome, os tipos de reconhecimento social ou jurídico do laço, mas estou para – para ter clinicamente constatado a autenticidade dessas relações entre homossexuais. (Miller, 1997, p. 12, citado por Maya, 2013, pp. 101-102, grifo no original).

Ou seja, Miller entende que a parceria entre pessoas do mesmo sexo pode ser constituída de afeto, mas não deve ser reconhecida com a mesma legitimidade das parcerias heterossexuais, valendo-se da clínica psicanalítica para embasar sua argumentação. Acyr Maya (2013) defende que, com essa ideia, Miller visa tratar o *gay* como diferente, como uma forma não de lhe proporcionar direitos, mas para legitimar que ele seja tratado de forma desigual, servindo à ideologia homofóbica.

Todos esses episódios nos confrontam com a importância da psicanálise, ou melhor, de seus praticantes reverem constantemente seus próprios posicionamentos, a fim de que não estejam servindo a causas que, em sua essência, sejam “antipsicanalíticas”. Assim, a psicanálise, enquanto fazendo parte da cultura e se propondo a pensá-la, encabeça discussões importantes, mesmo que, por vezes, seus representantes estejam a serviço de ideologias que contrariam os ideais éticos freudianos, como ao pensar a cura da homossexualidade.

Sobre a necessidade de cura da homossexualidade, a própria filha de Freud, Anna Freud, acreditava que, em sua clínica, era possível realizar a conversão de homossexuais em pais de família heterossexuais (Roudinesco & Plon, 1998). E chegou a pedir para a jornalista Nancy Procter-Gregg que não publicasse a carta de Freud a uma mãe americana, de 1935, sob justificativa de que ela poderia levar ao entendimento de que a função da análise seria que as pessoas entendessem que suas falhas ou imoralidade não são graves e podem ser aceitas por elas mesmas (Ceccarelli, 2013).

Já Sigmund Freud entendia que

Esse trabalho, eliminar a inversão genital ou homossexualidade, nunca me pareceu fácil. Constatei, isto sim, que apenas em circunstâncias muito favoráveis ele é bem-sucedido, e mesmo então o êxito consistiu essencialmente em liberar à pessoa restrita à homossexualidade o caminho, obstruído até então, para o sexo oposto – ou seja,

restaurar a sua plena função bissexual. Ela podia então resolver se queria largar o outro caminho, condenado pela sociedade, e em alguns casos foi o que fez. É preciso dizer também que a sexualidade normal baseia-se numa restrição de escolha de objeto, e de modo geral, a empresa em transformar em heterossexual um homossexual plenamente desenvolvido não é mais promissora do que a contrária, com a diferença de que esta, por boas razões práticas, nunca é tentada. (2011/1920, p. 120).

Para Freud (2011/1920, p. 148), não cabe à psicanálise “(...) resolver o problema da homossexualidade. Ela tem de contentar-se em desvendar os mecanismos psíquicos que levaram à decisão na escolha do objeto (...)”. Dessa forma, distancia sua abordagem de uma compreensão patologizante do fenômeno.

Conclusão

A título de conclusão, faz-se pertinente refletirmos sobre o uso de alguns termos usados por Freud ao longo de sua obra, como “normal” referindo-se à heterossexualidade, como consta na citação do tópico anterior e em vários outros textos seus. Em nosso entendimento, e mesmo no de alguns outros psicanalistas brasileiros como Jurandir Freire Costa (1995) e Luiz Alfredo Garcia-Roza (2008), é, na verdade, um uso que perverte seu real sentido, como se Freud, valendo-se de um uso já corrente, mesmo naturalizado, engajassem novos sentidos, uma vez que ele desfaz essa relação necessária entre eles, ou mesmo explicita o novo sentido que busca empreender, ou ainda esclarece que essa relação pré-existente é, na verdade, uma convenção, como ele faz, por exemplo, ao usar expressões como “*no que é considerado direção normal*” ou em “*casos considerados anormais*” (Jorge, 2010, p. 26, grifo no original). Quinet (2013) argumenta que Freud na verdade está utilizando o termo “normal” para referir-se à norma social, e “anormal”, portanto, para o que a sociedade define como sendo proibido.

Freud era um homem de seu tempo, fazendo associações criticáveis entre feminino e passividade e masculino e atividade, e outras mais moralistas, que foram sendo questionadas ao longo do tempo, mas que certamente influenciaram a forma como ele pensou alguns

fenômenos no início do desenvolvimento de seu trabalho. Contudo, não seria exagero afirmar que, mesmo assim, Freud rompeu com a concepção de normal *versus* patológico que predominava nas discussões sobre sexualidade, colocando a homossexualidade, a partir da centralidade do conceito de pulsão, no campo dos possíveis destinos da sexualidade.

O entendimento da homossexualidade no período de Freud, talvez mais ainda do que hoje, era herança de compreensões que já a associaram ao pecado, a doenças e a crimes, e Freud é um dos que insistem em sua normalidade, sendo por isso severamente contestado, especialmente por seus pares da categoria médica.

Diante disso, surgem declarações de psicanalistas que se engajam politicamente em causas desfavoráveis à aquisição de direitos por pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente com parceiros do mesmo sexo, embasando suas argumentações no que consideram ser a teoria psicanalítica. Nosso entendimento é o de que a psicanálise, na verdade, está sendo distorcida em sua fundamentação ética para servir não ao movimento, mas unicamente aos psicanalistas que a utilizam para defenderem suas causas, ganhando respaldo diante da forma como a psicanálise hoje é assimilada na cultura.

Com este artigo, esperamos contribuir minimamente para manter viva a questão do que é a psicanálise, a que ética ela serve, que uso é feito de seus construtos e mesmo problematizar sua relação com a cultura e os encaminhamentos dados a ela pelos próprios psicanalistas. É preciso questionar os destinos políticos feitos para legitimar a manutenção de um *status* de supervalorização da heterossexualidade como norteadora das relações sociais, inferiorizando a homossexualidade como um atentado à reprodução, à diferença sexual e aos costumes sociais naturalizados como “normais”.

Por fim, faz-se necessário ressaltar o quão essencial é que nos voltemos para as origens, num retorno a Freud, como o propunha Lacan, num retorno crítico mesmo, de poder apontar onde hoje certas questões postas podem ter sido ultrapassadas, pois diziam respeito a um momento histórico e cultural específico no qual Freud estava in-

serido, mas que a sua teoria das pulsões é atual e pertinente para que se pense que a escolha de objeto sexual não pode ser por si só critério para barrar um candidato à formação psicanalítica, assim como não deveria sê-lo de discriminação.

Referências

- Abraham, K. (1970/1916). O primeiro estágio pré-genital da libido. In K. Abraham, *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (pp. 51-80). Imago.
- Abraham, K. (1970/1924). Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais. In K. Abraham, *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (pp. 81-160). Imago.
- Abraham, K. (2003/1908). As relações psicológicas entre a sexualidade e o alcoolismo. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, (24), 111-119.
- Borillo, D. (2016). *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Autêntica.
- Bulamah, L. C. (2016). *História de uma regra não escrita: a proscricção da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico*. Annablume.
- Butler, J. (2020). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Autêntica.
- Ceccarelli, P. R. (2013). A invenção da homossexualidade. In A. Quinet & M. A. C. Jorge (Org.), *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização* (pp. 153-167). Segmento Farma.
- Conselho Federal de Psicologia. (1999, março 22). *Resolução CFP nº 001/1999, de 22 de março de 1999*. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf
- Costa, J. F. (1995). *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. Editora Escuta.
- Drescher, J. (2013). A história da homossexualidade e a psicanálise organizada. In A. Quinet, & M. A. C. Jorge (Org.), *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização* (pp. 47-58). Segmento Farma.
- Ferenczi, S. (1992/1909). Novas observações sobre a homossexualidade. In S. Ferenczi, *Obras completas: psicanálise IV* (pp. 165-170). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1992/1911a). O homoerotismo: nosologia da homossexualidade masculina. In S. Ferenczi, *Obras completas: psicanálise II* (pp. 117-129). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2002/1911b). Um caso de paranóia deflagrada por uma excitação da zona anal. In S. Ferenczi, *Obras completas: psicanálise I* (pp. 129-132). Martins Fontes.

- Ferenczi, S. (2002/1911c). O papel da homossexualidade na patogênese da paranóia. In S. Ferenczi, *Obras completas: psicanálise I* (pp. 155-171). Martins Fontes.
- Foucault, M. (1992). *O que é um autor? Veja/Passagens*.
- Freud, S. (2004/1915). Pulsões e destinos da pulsão. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (vol. 1, pp. 133-173). Imago.
- Freud, S. (2011/1920). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 15, pp. 114-149). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011/1921). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011/1933). Acerca de uma visão de mundo. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 18, pp. 321-354). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2013/1910). Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 9, pp. 113-219). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2017/1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 6, pp. 13-172). Companhia das Letras.
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Freud e o inconsciente*. Jorge Zahar.
- Jones, E. (1996/1927). O desenvolvimento inicial da sexualidade feminina. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 3(3), 481-494.
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia* (vol. 2). Zahar.
- Jorge, M. A. C. (2011). A tensão psicanalítica essencial. In H. Caldas & S. Altoé (Org.), *Psicanálise, universidade e sociedade* (pp. 115-124). Cia. de Freud.
- Jorge, M. A. C. & Quinet, A. (2013). Entrevista à Revista CLAM do Instituto de Medicina Social da UERJ. In A. Quinet & M. A. C. Jorge (Org.), *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização* (pp. 343-348). Segmento Farma.
- Lacan, J. (1992/1969-1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In *Outros escritos* (pp. 248-264). Jorge Zahar.
- Marques, L. (2010). As homossexualidades na psicanálise. *Trivium*. https://www.academia.edu/7949071/AS_HOMOSSEXUALIDADES_NA_PSICAN%C3%81LISE
- Martins, K. P. H., Marques, G. H., Martins, O. C., Sales, R. C., Silva, R. E. P., Jr., Maia, A. A., & Aguiar, G. M. R. (2018). Estado de conhecimento das relações entre psicanálise e a saúde mental: estudo sobre a produção acadêmica entre 2000-2014. In A. F. Lima, I. M. P. Germano, I. B. de Sá-bóia, & J. C. Freire, (Org.), *Sujeito e subjetividades contemporâneas: estudos*

- do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC (pp. 77-109). Imprensa Universitária da UFC.
- Maya, A. (2013). Homofobia no discurso psicanalítico sobre o casal e a parentalidade homossexual. In A. Quinet & M. A. C. Jorge (Org.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização* (pp. 65-75). Segmento Farma.
- Maya, A. C. M. (2008). *Homossexualidade: saber e homofobia* [tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Domínio Público. http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=133306
- Paoliello, G. (2013). A despatologização da homossexualidade. In A. Quinet & M. A. C. Jorge (Org.), *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização* (pp. 29-46). Segmento Farma.
- Quinet, A. (2013). Homossexualidades em Freud. In A. Quinet & M. A. C. Jorge (Org.), *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização* (pp. 89-105). Segmento Farma.
- Rank, O. (2016/1911). Uma contribuição sobre o narcisismo. In *Lacuna: uma revista de psicanálise* (C. Padovan & N. Müller, apres. e trad.), (2), s.p. <https://revistalacuna.com/2016/12/06/n2-02/>
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Zahar.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Zahar.
- Sessão Judiciária do Distrito Federal. (2017, setembro 15). Poder Judiciário. *Ata da audiência realizada no dia 15 de setembro de 2017*. <https://www.documentcloud.org/documents/4056159-ATA-DE-AUDIE-NCIA.html>
- Sousa, A. R. (2020). *Homossexualidade(s) e psicanálise: debates entre os primeiros psicanalistas* [dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza]. Não publicado.
- Trevisan, J. S. (2018). *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. Objetiva.